



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 92

## Cápsula do tempo

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

**Paula Scarpin:** Oi, Branca Vianna.

**Branca Vianna:** E essa, que tá aqui no estúdio comigo é a Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo...

**Paula Scarpin:** Eu.

**Branca Vianna:** E você tá aqui pra me contar – e pra contar pra quem tá ouvindo também – uma história que eu já conheço mais ou menos.

**Paula Scarpin:** Você conhece pelo menos o comecinho dela, que é uma história que já tem um tempo. Ela começa no dia 8 de maio de 2008, eu era repórter da revista Piauí – na verdade, tinha acabado de ser efetivada depois de estagiar na revista, ali, por um ano...

Eu acho que era mais ou menos umas 7 da noite, eu tava terminando de escrever ou de revisar alguma coisa no fim do expediente...tinha super pouca

gente na redação. E aí toca o telefone principal ali da redação, o "PABX", pra quem é dessa época, né... normalmente puxava... começava a tocar e eu puxava a ligação... Era da portaria do prédio. O cara me disse assim: "Olha, o Roberto foi assaltado. Ele tá subindo".

**Branca Vianna:** Explica quem é o Roberto.

**Paula Scarpin:** O Roberto é o Roberto Kaz, que era repórter da Piauí também, e que naquela altura já era meu amigo. Porque o Roberto era a única pessoa da minha idade naquela redação estrelada, que só tinha nomões – tipo a Dorrit Harazim, o Mario Sergio Conti, o João Moreira Salles, o Marcos Sá Correa, enfim... o Luiz Maklouf Carvalho, a Daniela Pinheiro, a Consuelo Dieguez... Não tinha ninguém ali que era foca, só eu e o Roberto.

E, desde que eu tinha passado num concurso pra estagiar na Piauí, e me mudei de São Paulo pro Rio sem conhecer ninguém, o Roberto tinha virado a minha maior referência de bons botecos e de coisa pra fazer no final de semana. Era o meu amigo ali. E bom... aí, naquele dia, ele tinha acabado de sair da redação.

**Roberto Kaz:** A redação era na Glória. Na Praça da Glória, na Rua Benjamim...

**Paula Scarpin:** Era na Rua do Russel...

**Branca Vianna:** E aí você gravou com ele, né?

**Paula Scarpin:** Eu gravei. Eu gravei com ele pra pegar o lado dele dessa história – porque eu só tinha o meu.

**Roberto Kaz:** A Rua do Russel, na Rua do Russel. Enfim, tinha um metrô perto que eu pegava pra ir pra casa, bem embaixo do Outeiro da Glória e era uma área meio escura, um trajeto muito curto. Devia ser uns 200 metros entre a redação e o metrô. Mas não era um trajeto legal.

**Paula Scarpin:** Porque tinha que dar uma volta, né. Tinha que contornar, ali, um paredão.

**Roberto Kaz:** Isso, ali naquele paredão. Ele era mal iluminado, não tinha ninguém, não tinha comércio, não tinha prédio, nada, só tinha carro passando.

**Paula Scarpin:** Ele tinha aproveitado o tempinho do trajeto até o metrô pra ligar prum amigo. A rua tava vazia.

**Branca Vianna:** Bom, aqui fica um alerta pra quem não tolera descrição de violência – pode dar só um saltinho de 3 minutos aí no seu aplicativo, porque depois fica tudo bem (como deu pra perceber aí na gravação com o Kaz).

**Roberto Kaz:** Fiz uma coisa que não se faz, que não se deve fazer, que é falar no celular, na rua. Então eu tava com o celular na mão, do lado da cabeça, e aí eu só vi uma sombra chegando perto de mim, e puxando minha mão. E eu tentei puxar de volta. E essa sombra começou a me bater. Eu não vi a cara da pessoa, e eu só soltei o celular quando meu olho ficou preto. E aí eu vi que eu vi a mão dele. Nessa hora eu soltei, e vi que ele estava segurando uma faca na mão, então na verdade ele não estava me batendo, tava me dando facada. Era uma faquinha curta de cortar laranja. Assim, umas pegaram no tórax e tal, mas foram muito superficiais, mas uma pegou no meu olho direito. E, por um enorme milagre, a faca atravessou meu olho de um canto a outro, mas não pegou em nenhuma parte vital.

**Paula Scarpin:** Num primeiro momento, o Roberto achou que a facada tinha arrancado o olho dele fora.

**Roberto Kaz:** Tinha procurado meu olho no chão, não achei...

**Paula Scarpin:** Aí ele resolveu voltar pra redação.

**Roberto Kaz:** Eu estava a 50 metros da redação... aí eu voltei correndo...

**Branca Vianna:** E foi aí que o porteiro ligou lá na redação e você atendeu.

**Paula Scarpin:** Isso. Eu lembro de ter pensado: "Putz, assaltado, que chato". E fui até o hall do elevador encontrar com ele. E aí a cena que eu lembro, dele saindo do elevador parecendo um pierrô de filme de terror, com um fiozinho de sangue escorrendo, como se fosse uma lágrima...

**Roberto Kaz:** E aí, realmente, parecia cena de cinema mudo, cinema do Chaplin, porque todo mundo que chegava e me via, saía correndo. Ninguém aguentava. Parecia, realmente... era uma cena engraçada, que me via, saía correndo. Via, ia pegar água. Via... e aí você aguentou, você viu... você me pegou pelo braço na hora, e falou: "Vamos descer". E a gente desceu.

**Paula Scarpin:** Eu lembro de não ter pensado muito antes de catar minha bolsa, puxar ele pelo braço de volta pra dentro do elevador.

E aí, quando a gente desceu, tinha uma funcionária da Videofilmes ali embaixo — a produtora de cinema, né — a Videofilmes ficava ali no mesmo prédio da piauí, e nisso, ela já tava sabendo do que tinha rolado, o porteiro comentou com ela. Aí ela tava um carro, e ofereceu carona pra gente até o hospital...

Eu lembro desse trajeto até o hospital e o Roberto dizendo: "Cara, eu vou ficar cego", e eu respondendo, assim, com uma certeza irresponsável de que não ia ficar cego coisa nenhuma, porque eu tinha lido um artigo que sobre a cirurgia de correção de miopia, que essa cirurgia tinha sido descoberta quando um cara foi atingido por estilhaços de vidro no olho... e, quando a córnea dele cicatrizou, a miopia tinha ido embora. Enfim, eu tinha certeza, assim, que quando ali tudo passasse ele nem ia precisar de óculos. Eu lembro de falar isso pra ele, e ele balançando a cabeça prestando atenção, como se eu tivesse alguma autoridade no assunto.

E, bom, como a facada pegou muito no cantinho do olho do Roberto, ele não ficou cego... mas ele também não ficou menos míope. Na verdade, ele ficou até mais. Mas isso era o de menos.

**Roberto Kaz:** E por um enorme milagre, e por outras razões que não são só milagre — eu tinha um bom plano de saúde, que é o que Piauí pagava, meu pai conhecia um bom médico, enfim coisas também dos privilégios que eu tenho, tal, eu fui rapidamente atendido num bom hospital, eu tive que passar por duas cirurgias e não fiquei cego.

**Paula Scarpin:** Ficou tudo bem. Mas, depois dessas duas cirurgias, o Roberto teve que passar um tempo de repouso, sem poder ler.

**Paula Scarpin:** Eu lembro de duas coisas: de você não tá conseguindo ler, e de você ter pedido uma lista de filmes que dava pra ver dublado, e você não gostar de nada do que a gente tinha sugerido.

**Roberto Kaz:** Ah, é?

**Paula Scarpin:** Eu lembro que a Raquel Zangrandi – que já era chefe da redação da piauí, que ainda é chefe da redação da piauí – ela encabeçou essa missão.

**Raquel Zangrandi:** E aí o filme que eu mais gostava, ele falou: "É uma merda!"

**Paula Scarpin:** Qual que era, você lembra?

**Raquel Zangrandi:** Era o... Em português é "Simplesmente amor".

**Paula Scarpin:** É "Love, Actually".

**Raquel Zangrandi:** É, que é uma comédia romântica clássica! São oito histórias que se cruzam. Não tem como uma pessoa não gostar daquele filme. E ele falou: "Achei uma merda, muito cafona!" E eu: "É você, mesmo. Já tá normal. Já voltou ao normal."

**Roberto Kaz:** Vocês me deram uns audiolivros também.

**Paula Scarpin:** Ah é?

**Roberto Kaz:** É. Tinha "Marley e eu", acho, narrado pelo Humberto Martins...

**Paula Scarpin:** Gente! [risos]

**Paula Scarpin:** Eu juro que fiz o possível pra achar essa pérola sonora na voz de um dos maiores galãs de novelas das 7 de todos os tempos, mas não consegui... fui no Mercado Livre, Estante Virtual, tudo quanto era lugar... mas fica aqui o apelo, né, se alguém tiver guardado esse CD no fundo do armário... manda aqui pra gente.

Bom, mas o fato é que eu não tive nada a ver com esse CD do "Marley e eu"... mas – agora já não sei se por coincidência, ou por influência do Humberto Martins, ou por zeitgeist, ou porque eu sempre gostei de áudio... – eu tava por trás de *outro* CD que a gente fez chegar nas mãos do Roberto.

Isso porque a revista daquele mês tava fechando, né. A edição da piauí daquele mês tava fechando, ia ser a piauí número 21, e a gente pensou:

*"Poxa, o Roberto não vai conseguir ler a revista... ele tá precisando ficar de repouso, sem ler nada... o que a gente faz, né?"*

Aí eu pensei: "Mas e se a gente gravasse a revista pra ele?"

E eu tinha a parceira ideal pra essa missão.

**Raquel Zangrandi:** Gravamos a revista de cabo a rabo. Acho que desde o índice até o final. Assim, gravamos tudo como se fosse uma revista, revista podcast, né?

**Paula Scarpin:** A Raquel, que é uma das pessoas mais empolgadas que eu conheço, embarcou na ideia de largada, e ela me ajudou a convencer todo mundo de participar – lendo a própria matéria ou as matérias de frilas, ou traduzidas, que tivessem saído naquela edição.

**Raquel Zangrandi:** A maioria deve ter gravado ali na sala de reunião da Piauí. Então é, naquela mesa de mármore...

**Paula Scarpin:** Exato! O pior ambiente possível.

**Raquel Zangrandi:** Pior! Porque o som bate e volta metálico, ele volta como se gravasse num banheiro, né. Gravamos ali com aquele gravadorzinho daqueles de repórter, das Organizações Tabajara, ali da redação, assim, basiquinho com um– sem microfone.

**Paula Scarpin:** E, bom, eu lembrei dessa história outro dia, tomando um café com a Flora, porque foi aniversário de morte do Coutinho... – o documentarista Eduardo Coutinho, né? Que fez "Cabra marcado pra morrer", "Edifício Master", "Jogo de cena"...

**Flora Thomson-DeVeaux:** A gente tava falando da voz do Coutinho, né, de como ele tinha aquela voz super impactante...

**Paula Scarpin:** Essa, você sabe, é a Flora Thomson-DeVeaux – mas enfim, e eu lembrei que ele tinha participado dessa gravação da edição número 21 da Piauí pro Roberto.

**Roberto Kaz:** O Coutinho vivia na redação porque a Videofilmes ficava no andar de cima, então ele era um visitante onipresente lá e todo mundo amava, né? Era muito divertida, sempre, a chegada dele.

**Paula Scarpin:** O Coutinho deve ter passado ali na redação no meio dessa bagunça de gravar a revista, e a Raquel puxou ele pra dentro. Eu não lembrava o que que ele tinha lido, afinal. Eu lembrava só que ele tinha participado. Eu lembro de contar essa história pra Flora, a história do CD, e ela imediatamente começou a sofrer.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Porque eu te conheço, eu sei que você não guarda nada, sai jogando as coisas fora...

**Paula Scarpin:** É, e sei lá quantos computadores passaram pela minha mão desde 2008... e não lembro de nessa época ter nuvem, assim, tipo Dropbox, Google Drive... nem pendrive eu lembro de ter! E acho que eu nem tinha pensado em fazer uma cópia do CD pra mim...

**Flora Thomson-DeVeaux:** E aí a gente foi apelar pro Roberto, que tem um pouco mais de alma de arquivista...

**Paula Scarpin:** Na hora eu peguei o celular e mandei um zap pro Roberto, falando: *"Ei, por acaso você ainda tem aquele CD com a Piauí lida que a gente gravou pra você quando você foi assaltado?"* Aí meia hora depois, ele responde: *"Tenho. Você quer?"*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só ele presta, impressionante.

**Paula Scarpin:** E por sorte também a gente tem um tocador de CD que pluga no computador e dá pra digitalizar de novo, enfim, passar tudo pra nuvem...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Esse tesouro.

**Paula Scarpin:** Tesouro.

**Branca Vianna:** Um tesouro, gente. Definitivamente um tesouro.

**Paula Scarpin:** E aí a gente foi seca no arquivo do Coutinho, né?

**Raquel Zangrandi:** Coutinho gravou também?

**Paula Scarpin:** Gravou, você não lembrava disso??

**Raquel Zangrandi:** Não lembrava...

***Eduardo Coutinho:** A poesia envenenada. Heitor Ferraz Mello ao modo de Chico Alvim. Uns versos. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros e acabou recitando-me versos.*

**Roberto Kaz:** Ele lê de forma monotonal, né? Sem pausa, vai tudo igual, e tal...

**Paula Scarpin:** Sim...

***Eduardo Coutinho:** Distrações raras. R é foda. R dupla é impossível. Guerra. Ah, não sei! Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler. Como bem e não durmo mal, metido nos cantos, em segredinhos, sempre juntos.*

**Raquel Zangrandi:** Não lembrava que o Coutinho gravou, nossa!

**Paula Scarpin:** Tem você dirigindo ele!

**Raquel Zangrandi:** Ah! Não acredito. Eu?? Que vergonha...

***Eduardo Coutinho:** Mãe e servo. Servo ou cervo? Cervo é veado, com C.*

***Raquel Zangrandi:** Servo.*

***Eduardo Coutinho:** Amos e servos. Tem certeza?*

***Raquel Zangrandi:** Eu acho que é amos e servos.*

***Eduardo Coutinho:** É? Sabe que isso é altamente grave, né?*

**Raquel Zangrandi:** Que bonitinho, eu não lembrava disso. O João gravou também?

**Paula Scarpin:** Gravou.

**Paula Scarpin:** João, no caso, o João Moreira Salles, criador e publisher da revista na época...

***João Moreira Salles:** Então vamos lá, Roberto. Aqui sou eu, fazendo um esforço hercúleo de narrar e depois ter que ouvir minha voz. Vamos lá: "raia olímpica", que é a retranca... rotina de 15 mil braçadas. A preparação do velocista Cesar Cielo para*

*sua primeira Olimpíada em meio a uma safra de recordes e a entrada em cena do doping de armário. Pela Dorrit.*

**Paula Scarpin:** A jornalista Dorrit Harazim, editora da Piauí na época, que tinha feito um perfil incrível do Cesar Cielo, o nadador, que agora ficou bastante famoso nessas Olimpíadas nas redes sociais, mas é um perfil que ela fez antes mesmo dele ganhar a medalha de ouro na Olimpíada de Pequim...

**Roberto Kaz:** Escreve muito. Nossa, um texto que pode ser a coisa mais monótona do mundo: alguém nadando 50 metros. Em tese não acontece nada, e ela faz acontecer tudo.

**Paula Scarpin:** A Dorrit não leu o próprio texto, mas ela leu outro.

***Dorrit Harazim:** Robertito. Eu vou te ler a segunda e última parte das memórias do Steadman, que nós publicamos em forma de diário. É a sequência do que foi publicado no mês anterior. Tempos que você não viveu e que são memoravelmente engraçados e bacanas de ter. Então vamos lá. Título: "A brincadeira acabou."*

**Roberto Kaz:** A Dorrit é sem dúvida uma das maiores repórteres da história do Brasil, assim. Ela é maior do que qualquer jornal brasileiro, assim. Então muito, muito bom a gente ter trabalhado com essa galera.

**Paula Scarpin:** Sorte demais, cara.

**Raquel Zangrandi:** Mario gravou?

**Paula Scarpin:** Mario não.

**Raquel Zangrandi:** Mario não.

**Paula Scarpin:** Mario é o Mario Sergio Conti, que na época era o diretor de redação da revista, e que por alguma razão acabou não emprestando a voz pra essa cápsula do tempo.

**Raquel Zangrandi:** Daniela gravou?

**Paula Scarpin:** Gravou vários! Gravou esquina, gravou tipo um monte de coisa...

**Paula Scarpin:** Daniela é a Daniela Pinheiro, repórter também...

A redação era tão pequena que a gente conseguia ir ticando um a um.

**Raquel Zangrandi:** Cassiano... não também?

**Paula Scarpin:** Cassiano Elek Machado.

**Paula Scarpin:** Cassiano tava. Só que Cassiano, não sei por que ele não tava no Rio e a gente conseguiu gravar com ele por telefone.

**Raquel Zangrandi:** Meu Deus.

**Paula Scarpin:** Eu tenho eu falando: "Cassiano, não, você faz o seguinte, não sei o que..."

*Paula Scarpin: Agora pode começar de novo.*

*Cassiano Elek Machado: Tá bom. Sessão: Era uma vez.*

*Título: "Belos contos da nossa infância". Por:*

*tchan-tchan-tchan-tchan... Gotlib. Narração: Cassiano.*

**Roberto Kaz:** É engraçado porque é Gotlib, né, que era o inimigo número um da redação.

**Paula Scarpin:** Era um quadrinho francês, né, que o Mario, só o Mario gostava.

**Roberto Kaz:** Só o Mario. Ninguém gostava. Tinha toda a edição, toda edição tinha carta de leitor pedindo para parar de ter Gotlib, e o Mario continuava botando.

**Paula Scarpin:** E continuava achando muito divertido.

**Roberto Kaz:** Pois é. Só ele, cara.

**Paula Scarpin:** Eu acho que o Cassiano deve ter escolhido pra... de zoeira, assim. "Você achou que não ia ter Gotlib? Você vai ter que engolir o Gotlib".

**Roberto Kaz:** [ri]

**Paula Scarpin:** Agora, ouve essa do Mak... Que eu nem vou falar nada.

**Roberto Kaz:** Que é uma lenda pra gente também. Maklouf é o Luiz Maklouf Carvalho foi um dos maiores repórteres do Brasil. E era o nosso decano lá na reportagem, na Piauí, quando a gente começou...

**Paula Scarpin:** O Mak morreu em 2020, de um câncer.

*Luiz Maklouf Carvalho: Alô Roberto, aqui é o Mak. Vou ler uma Esquina aqui. Que eu fiz.*

**Paula Scarpin:** Ele foi o que mais me emocionou ouvir.

**Roberto Kaz:** É? Por que?

**Paula Scarpin:** Ah, essa voz do Mak, assim tão... Esse comezinho, assim: "Ô, Roberto, é o Mak", vou ler um texto, uma esquina da minha autoria. É muito carinhoso ouvir esse sotaque, esse jeito dele falar, assim. Eu tenho muita saudade dele.

***Luiz Maklouf Carvalho:** Título: "O copo e a flecha". A guerra por outros meios, no caso, molhados. Deputado federal Jair Bolsonaro, talvez o mais radical representante da direita do Parlamento, fica meio encabulado quando lhe perguntam sobre o copo d'água que o atingiu pelas costas durante a sessão da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara... no dia 14 de maio.*

**Paula Scarpin:** Lembrando que esse texto saiu na edição da piauí de junho de 2008. É uma pequena crônica sobre isso mesmo, o dia em que um ativista indígena jogou um copo d'água no Bolsonaro – que, mesmo lá atrás, já tava merecendo.

***Luiz Maklouf Carvalho:** Disfarça, numa resposta impulsiva, a lembrança de que todos os presentes dirão, ele concede de má vontade. "Tá bom. Mas então coloca que respingou de leve". Bolsonaro não aprecia os índios, entre outros motivos, porque foi um deles que o batizou com o copo d'água em pleno discurso.*

**Raquel Zangrandi:** Dez anos antes do cara virar presidente.

**Paula Scarpin:** Mas o Mak tava de olho nele, assim.

**Raquel Zangrandi:** Como ouvir a voz da pessoa, tanto ouvir o Mak como o Coutinho, né – a voz é mesmo a representação da alma ali, porque– mais do que uma foto, é a voz– parece que ele está aqui com a gente. A gente sente muito mais ele como ele era na voz dele do que numa foto dele.

**Branca Vianna:** É uma cápsula do tempo.

**Paula Scarpin:** É, olhando de hoje é exatamente isso, né, uma cápsula do tempo. Mas é engraçado pensar como essa não foi, nem um pouco, a ideia inicial. Era uma coisa ao mesmo tempo funcional – né?, dar um jeito do Roberto "ler" aquela edição da revista... – e também afetuosa, de mandar um recadinho pra ele. Dizer que a gente tava pensando nele.

Naquela altura, nem passava pela nossa cabeça como seria escutar essa gravação mais de 15 anos depois, em tudo o que teria acontecido com os personagens daquelas matérias – da medalha do Cesar Cielo à presidência do Bolsonaro – a gente nem imaginava o que teria acontecido com quem tava lendo ali aquelas histórias.

E, além do Mak e do Coutinho, tem mais uma voz ali nessa gravação que não tá mais entre nós, que já morreu... Era um cara que nunca trabalhou na Piauí, mas que também frequentava bastante a redação.

**Roberto Kaz:** Mas eu lembro que foi o que – enfim – eu lembro de gargalhar quando– foi uma surpresa. Vocês não me falaram que teria ele. E aí eu lembro que realmente essa parte aí eu fiquei muito– eu fiquei muito emocionado e rindo muito.

***Heber Trinta:** Concurso a cem quirodátilos. Resumo da obra, dois ponto: Antônio, vírgula, o ex-garoto de cabaré que vive sob o jugo insaciável da viúva Maria de Maria Mergulhão, vírgula, recebe uma carta que põe a pique seus planos de fuga para a liberdade. Ponto.*

**Roberto Kaz:** É extraordinário, né. Um documento extraordinário isso... E aqui começa a segunda parte desse podcast!

**Paula Scarpin:** [ri].

**Paula Scarpin:** Quando eu falei pro Roberto que eu queria fazer uma história, aqui pro Apresenta – sobre essas gravações, sobre essa cápsula do tempo – ele veio com uma contraproposta: ele queria que a gente fizesse uma história sobre o Trinta – esse cara que tá lendo o concurso literário da Piauí.

**Paula Scarpin:** Quem é essa figura?

**Roberto Kaz:** Então, esse daí é o Heber Trinta Filho. E eu sou muito grato a ele por muita coisa, por ter cruzado com ele na vida.

**Paula Scarpin:** O Trinta foi o perfilado da primeira reportagem grande que o Roberto publicou na Piauí. A matéria chamava "Retrato de um homem livre", e saiu na edição 7 da piauí, de abril de 2007. Mas o Roberto conhecia ele de antes.

**Roberto Kaz:** No último ano da faculdade, eu consegui um emprego

na Revista de História da Biblioteca Nacional, que era uma revista bacana, que era feita por historiadores. Não vendia muito, mas era bacana. E aí eu era o único repórter lá... E aí me disseram que eu tinha que fazer uma matéria sobre pessoas que iam pra Biblioteca Nacional durante a hora do almoço pra dormir. Porque tinha ar condicionado bom lá. E qualquer pessoa podia entrar, pegava uma mesinha lá e ia tirar um cochilo. E aí eu fui fazer uma matéria sobre isso, assim. E aí me apresentaram o Trinta, falaram que eu tinha que falar com Trinta, que era a forma como ele era conhecido. E aí eu fui bater um papo com ele.

**Paula Scarpin:** Mas ele ia pra lá pra dormir?

**Roberto Kaz:** Ele ia pra lá pra tudo. Mas ele também dormia na Biblioteca Nacional. E ele era o— ele tinha carteirinha de número zero, ou de número um da Biblioteca Nacional, tinham feito em homenagem a ele, porque ele era a pessoa que mais frequentava a biblioteca. Mas ninguém tinha me dito isso. Tinham me falado só que era um personagem que dormia lá. E, cara, em 20 minutos de conversa com ele, eu vi que eu estava diante de uma figura extraordinária. Extraordinária, assim, muito atípico. Muito... claramente com desençaixe social ali, de alguma forma, que eu não sei qual era o diagnóstico, nunca me preocupei em saber. Nem ele. Mas assim, que sabia fazer do limão que era a vida dele uma limonada suíça, uma caipirinha, uma coisa, assim, sofisticadíssima, assim, isso me emocionou muito.

**Paula Scarpin:** O Roberto tava começando no jornalismo... e, como muitos de nós, ele era cadelinha da revista New Yorker.

**Roberto Kaz:** Eu falei: "Cara, eu tô diante de um de Joe Gould" – que era o meu personagem preferido de livros do Novo Jornalismo americano...

**Paula Scarpin:** O livro, no caso, era *O Segredo de Joe Gould*, do jornalista americano Joseph Mitchell, que foi traduzido e publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

**Roberto Kaz:** Era um morador de rua de Nova York que também conseguia transformar o pouco que ele tinha numa coisa incrível e falava que escrevia a História Oral de Nova York. Ficava anotando coisas loucamente. E o Joseph Mitchell fez um texto que é uma obra prima, acho que foi uma— eu não lembro se ele ocupou a New Yorker inteira, assim...

**Paula Scarpin:** Eu vou dar um pequeno spoiler d'*O Segredo de Joe Gould* aqui, tá? Desculpa, é uma história de 60 anos atrás, acho que tudo bem, né?

E é importante pra gente entender melhor essa relação do Roberto com o Trinta.

O livro – que foi publicado antes na revista New Yorker – é sobre o encontro do Joseph Mitchell – um repórter famoso, um dos criadores do novo jornalismo americano, do jornalismo literário, enfim – o encontro dele com o Joe Gould – que, como o Roberto falou, era um cara que morava na rua, em Nova York, e que passava o dia todo escrevendo, e que tava planejando publicar numa obra monumental chamada *História oral do nosso tempo*.

O Joe Gould queria escrever um tipo novo de história do mundo. Não uma história dos grandes feitos e dos grandes homens, mas das miudezas que as pessoas falam umas com as outras. Ele dizia que anotava praticamente tudo que ele ouvia. Seriam vinte mil conversas, nove milhões de palavras.

Quando o Mitchell encontrou ele, ele tinha volumes e mais volumes escritos... era uma pilha tão grande que seria mais alta que ele. E o Mitchell tava doido pra ler a obra do Joe Gould. Mas parecia que ninguém sabia onde tava guardado esse manuscrito gigantesco.

Daí o Mitchell conta que ele começou a desconfiar de uma coisa. E quando ele finalmente confrontou o Joe Gould ele descobriu... que ele não tinha escrito praticamente nada, de verdade. Essa reviravolta tá no final do livro.

**Roberto Kaz:** E esse era o segredo de Joe Gould, que ele falava estar escrevendo uma coisa que nunca existiu.

**Paula Scarpin:** O Mitchell nunca tinha tido acesso aos escritos do Joe Gould, ele só ouvia ele falando disso... e daí, no finalzinho do livro, quando o Gould morre... ele descobre que não tinha obra monumental nenhuma, o Gould só tava reescrevendo obsessivamente uma meia dúzia de historinhas da vida dele.

Só que essa história também tem uma reviravolta, que é uma reviravolta bem tardia, na verdade, porque lembra? O livro foi escrito nos anos 60. Daí, em 2015, só depois que o Mitchell morreu, a New Yorker publicou uma outra reportagem – agora assinada pela Jill Lepore, que revelou que o que não era

verdade era esse final do livro do Mitchell. Era ficção – mentira, invenção, extrapolação, como você preferir chamar – da cabeça do Joseph Mitchell. Porque o Joe Gould tinha, sim, escrito a História Oral. A História Oral existia. E mais: o Mitchell sabia que ela existia.

**Roberto Kaz:** Ele sabia que existia. Só que publicar que existia, ia prejudicar o personagem dele.

**Paula Scarpin:** Pra melhorar o personagem ele falou que não existia.

**Roberto Kaz:** É.

**Paula Scarpin:** O Roberto não sabia dessa reviravolta quando ele conheceu o Trinta – que foi lá em idos de 2006, 2007... Mas, também, esse final do livro nem foi o que mais marcou ele no personagem do Joe Gould. Não importava se no final o Joe Gould tinha botado no papel a História Oral ou não. O que ele achava fascinante era o olhar, o interesse dele pela cidade, que era coisa que ele via também no Trinta.

O Heber Trinta não era o Joe Gould, óbvio – na medida em que ninguém nunca pode ser igual a outra pessoa... Pra começar, ele não morava na rua.

**Roberto Kaz:** Ele morava– ele tinha um apartamentinho no centro da cidade de– uma quitinete, onde ele vivia.

**Paula Scarpin:** Sozinho?

**Roberto Kaz:** Sozinho. Que tinha pertencido ao pai dele, que tinha sido, parece que o grande escudeiro dele, assim, um grande protetor dele ao longo da vida. Mas o pai já tinha falecido e então ele tinha ficado sozinho, sem ninguém que o amparasse. Ele tinha, eu não sei se era uma pensão ou se era um salário por– acho que é por invalidez. Ele tinha um salário por invalidez que eu acho que era um salário mínimo, que era com que ele vivia a vida dele. Então ele calculava muito direitinho, assim, o gasto dele por mês, devia ser uma parte para pagar o condomínio, e uma parte que ele já entregava tudo num restaurante onde ele almoçava todo dia, que chamava – putz, esqueci o nome do restaurante. Tá na matéria.

**Paula Scarpin:** Tá na matéria: Grupo Casarão, não existe mais.

**Roberto Kaz:** Que era um restaurante que você pagava, acho que na época, sei lá, 5 reais ou 10 reais no máximo, e você podia comer quanto você queria.

**Paula Scarpin:** Segundo a matéria, em abril de 2007, o bufê livre custava 4 reais e 19 centavos. Bons tempos.

**Roberto Kaz:** Então aquilo era para ele o café da manhã, o almoço, e o jantar. E ele fazia pratos enormes. Enormes. Assim: enormes. Ele era muito magrinho, então ele adaptou o corpo dele a que ele tivesse uma única refeição por dia. E aí, sei lá, de noite, às vezes ele comia uma fruta, alguma coisa que alguém— que ele conseguia descolar em algum lugar e tal. E ele tentava ir em todas as vernissages do Rio de Janeiro, do centro, porque tinha comida e bebida de graça. Então esse era o jantar dele. E ele tinha um mapa, assim, ele sabia onde tinha todos os lançamentos, inauguração de exposição, lançamento de livro, concerto, tal. Ele sabia toda a programação cultural gratuita do centro do Rio de Janeiro. E ele se ocupava, assim, de uma forma muito bonita, sabe? A vida dele poderia ser um grande nada. E ele fazia dela um tudo, assim. Então, todo dia ele ia ver concerto na hora do almoço, porque tinha um programa chamado "Música no Museu" naquela época, que tinha concertos em vários museus da cidade gratuitos. Ele ia em todos. Tinha dois lugares que ele frequentava mais, que eram a Biblioteca da Academia Brasileira de Letras e a Biblioteca Nacional.

**Paula Scarpin:** Biblioteca Nacional... onde o Roberto tava trabalhando, e onde eles se conheceram.

**Roberto Kaz:** E aí, nesses lugares ele fazia as pesquisas dele, que eram muito curiosas, assim, muito obsessivas.

**Paula Scarpin:** Mais uma diferença entre o Heber Trinta e o Joe Gould: o foco das pesquisas. O Gould tava fazendo uma História Oral, registrando o que ele via e ouvia na rua. Já o Trinta tava fazendo uma pesquisa de arquivo, anotando o que ele pesquisava na biblioteca. Vou ler aqui um trechinho do perfil:

*Trinta se refere à Biblioteca Nacional como seu “habitat natural”. Diz já ter lido mais de 10 mil livros e periódicos. Entre os quais a coleção completa da série Nosso Século, a revista Placar, de 1970 a 1990, e “tudo que você puder imaginar de Goethe, Shakespeare e Ernest Hemingway”. Nos últimos tempos, para relembrar os fatos, tem se dedicado aos exemplares do Livro do Ano da Enciclopédia Barsa. Começou com o de 2004. Já está no início dos anos 80. “Sem a Biblioteca, eu seria apenas um alienado feliz”, reconhece.*

*Trinta pisou na Biblioteca Nacional pela primeira vez há exatos trinta anos, em abril de 1977. Acabava de abandonar o curso de economia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. “Quanto mais mestrado e doutorado o professor tinha, pior era a aula”, lembra. Decidiu se tornar um autodidata, lendo notícias antigas sobre futebol, assunto que lhe era de grande interesse. Torcia pelo Vasco. Mas, depois de dez anos de duntas investigações, concluiu que o maior time do mundo havia sido o Santos. De um dia para o outro, deixou a velha equipe lusa para trás, com o argumento de que “o pesquisador deve ser isento”.*

**Roberto Kaz:** Então, por exemplo, ele ficava obsessivo com o Santos do Pelé. Ele gostava de futebol. Ele pegava os jornais pra ver todos os jogos do Santos do Pelé, durante toda a época do Pelé no Santos. E ele anotava todas as escalações de todos os jogos. Então eu tenho ainda alguns desses cadernos. E que era, assim, era uma loucura. Era o jogo 17 do 10 de 71. A escalação do Santos inteiro, quem fez o gol, quem não fez, quem tomou cartão amarelo, tal. Próximo jogo. Eram isso. Páginas e páginas. Eram cadernos daqueles grossos e grandes, completamente lotados. Ele tinha uma infinidade de cadernos guardados na casa dele com essas anotações...

**Paula Scarpin:** Ele fazia alguma análise ou só...?

**Roberto Kaz:** Não tinha análise.

**Paula Scarpin:** Era dado, dado, dado.

**Roberto Kaz:** Dado, dado, dado, dado. E aí ele tinha uma outra coisa que era muito, muito extraordinária. Tô repetindo essa palavra aqui, mas eu não consigo achar outra melhor para ele. É que ele trocava cartas com pessoas muito importantes e, por razões muito aleatórias, as pessoas respondiam. Era muito bonito isso. Eu fico emocionado. Então, por exemplo, ele pesquisava muito sobre futebol e aí ele resolveu que a gente queria para o João Havelange, que na época era o presidente da FIFA. E, cara, ele mandou uma carta para João Havelange falando de alguma coisa factual louca ali que ele tinha, sei lá, talvez ele tivesse lido uma entrevista do João Havelange falando alguma coisa que ele discordava, e tal, e o João Havelange respondeu. E era o João Havelange respondendo. Dava pra ver pelo tom da carta que era o João Havelange respondendo. E ele passou a trocar carta com João Havelange, e o João Havelange respondia. Ele era apenas o presidente da FIFA, que, vamos combinar, é a entidade mais importante do mundo. Tem mais gente filiada do que na ONU.

**Paula Scarpin:** Vou ler aqui um trecho do perfil, em que o Roberto fala de uma carta angustiada que o Trinta mandou pro Havelange.

*Intitulava-se “A Morte do Futebol”. “O jogo Itália 3 x 2 Brasil, realizado na Copa do Mundo de 1982, seria o prenúncio da Idade Média do futebol. O que se assistiu foi a caça às bruxas, isto é, a força bruta do atleta sem recursos técnicos coagindo a criatividade e a liberdade do artista”.*

*Havelange respondeu em uma carta maior do que a do seu interlocutor. Lamentava “vê-lo tão pessimista em relação ao futebol mundial”. Prometia-lhe enviar o livro Copa Mundial de la Fifa – México 86, com todos os dados da última disputa. A promessa foi cumprida três meses depois, junto a uma carta onde o presidente da Fifa dizia estar certo “de que essa obra lhe será de grande utilidade, ante o seu invulgar interesse pelos assuntos ligados ao desporto das multidões, o futebol”. Trinta sublinhou a palavra “invulgar”.*

**Paula Scarpin:** O Roberto escreveu na matéria, que, antes de mandar uma carta, o Trinta fazia uma cópia pra guardar pra ele. E aí, se o destinatário respondesse, ele grampeava as duas juntas, pro acervo dele futuro. Vou ler mais um trecho:

*Na maioria das vezes, a réplica é protocolar.*

*Talvez porque nunca tenha se endereçado a alguém que não fosse, pelo menos, nacionalmente conhecido.*

**Roberto Kaz:** E aí teve uma outra carta que ele mandou para o Amador Aguiar, que era o dono do Bradesco, porque tinha aberto uma agência gigante do Bradesco do lado do prédio onde ele morava, ali no centro.

**Paula Scarpin:** Era uma carta elogiosa, né?

**Roberto Kaz:** É, falando que essa agência parecia um cenário futurista de um filme tipo Blade Runner, sei lá, ele falava umas coisas assim... E aí ele falava que a agência do Bradesco tinha aberto do lado da casa dele – que é de fato uma ótima agência. [risos] Enorme!

**Paula Scarpin:** Fica aqui a recomendação!

**Roberto Kaz:** Fica ali do lado da Cinelândia, na rua do Municipal.

**Paula Scarpin:** *“Na data de 31 de julho de 1989, viveu o Rio de Janeiro um grande acontecimento social e econômico, com a inauguração da agência Cinelândia do Bradesco. Até parece que entramos na ‘máquina do tempo’, com índice altíssimo de informatização”.*

**Paula Scarpin:** Tem uma coisa, um deslumbre, assim, né?

**Roberto Kaz:** É, mas... Ele era muito barroco nas cartas dele, embora elas fossem sempre cheias de fatos, quando ele resolvia falar de alguma coisa para tentar elaborar, ele elaborava de uma forma muito barroca.

**Paula Scarpin:** Os registros dos cadernos e das cartas são completamente diferentes. O Roberto guarda todo esse acervo – do qual uma parte significativa são as cartas que o Trinta escreveu pro próprio Roberto. Porque aquele encontro que começou na apuração daquela reportagem pra Revista de História da Biblioteca Nacional – sobre gente que ia cochilar na biblioteca – acabou virando uma amizade.

**Paula Scarpin:** Você chegou a escrever sobre ele na revista da Biblioteca Nacional?

**Roberto Kaz:** Escrevi. Mas, assim que eu consegui isso, eu lembro que eu mandei um e-mail para o João Moreira Salles, eu acho...

**Paula Scarpin:** O Roberto foi certo na hora de vender o perfil do Trinta como "O Joe Gould brasileiro": o João tinha escrito o posfácio da edição brasileira d'*O Segredo de Joe Gould* poucos anos antes...

**Roberto Kaz:** Foi a minha primeira reportagem assinada na Piauí. E aí, logo depois disso, a Piauí me contratou. Então, assim, eu sou muito grato ao Trinta, porque eu acho que foi por ter cruzado com ele que eu consegui emplacar um texto grande na Piauí e foi por causa disso que a Piauí me contratou. E aí a gente passou a ter uma relação. Ele sempre me elogiava de forma rococó nos textos.

**Paula Scarpin:** Ele te chamava de "meu criador".

**Roberto Kaz:** É, ele me chamava de "meu criador". Verdade.

**Paula Scarpin:** *Ao meu criador Roberto Kaz.*

*És um jovem bem talentoso com objetivos bem definidos para seu futuro brilhante. A inteligência e sabedoria são pré-requisitos da fortíssima personalidade, produto de uma educação de mais alto nível no convívio de seu lar. A sua alma é belíssima. A sua honestidade, transparência, são insumos do seu lindíssimo interior, onde o planejamento é uma constante em sua vida. Ainda és um menino, já pertence à elite de jornalistas que integram a equipe da melhor e mais conceituada revista do país, a Piauí.*

*Desejo muito sucesso.*

*São votos sinceros de sua criação.*

*Heber Trinta Filho*

**Roberto Kaz:** A gente criou uma amizade, e ele ia me visitar na redação toda semana, ou de duas em duas semanas, no máximo. E isso virou uma atividade pra ele. Quando ele ia me visitar, ele pegava sempre uns quatro exemplares da revista, toda vez, porque ele dava autografada – eu tenho um exemplar dele autografado – pra todas as pessoas que ele conhecia. Então, para todos. Assim: garçom que servia ele no restaurante, porteiro do prédio dele e tal...

**Paula Scarpin:** O Trinta ficou muito satisfeito com o perfil – e também com a repercussão do perfil.

**Roberto Kaz:** Ele foi chamado pra ir no Jô Soares...

**Paula Scarpin:** Pouco tempo depois da reportagem "Retrato de um homem livre" ser publicada na Piauí, o Trinta voou, pela primeira vez, pra São Paulo, pra ser entrevistado pelo Jô. E o Roberto foi junto.

*Jô Soares: Bom, já está aqui ao meu lado um frequentador assíduo da Academia Brasileira de Letras há quase 30 anos. É o Heber Trinta Filho.*

**Roberto Kaz:** E eu acho que o Jô foi mal brifado sobre ele no começo do programa, então acho que o Jô devia ter lido só um textozinho pequeno dizendo que ele era a carteira número um da Biblioteca Nacional, e o maior frequentador e tal – acho que o Jô achou que tava diante de um pesquisador e tal. Acho que não tinham cantado muito a bola de quem era o cara. Porque acho que no começo teve um curto-circuito ali.

**Jô Soares:** *Como é que você começou a frequentar a Academia?*

**Heber Trinta:** *É o seguinte: eu frequento a Biblioteca Nacional há 30 anos, eu— 31, mais, que eu frequento. 30 anos. Então eu passei, automaticamente, eu sinto a Academia Brasileira de Letras uma extensão da Biblioteca Nacional.*

**Jô Soares:** *Uma extensão da...?*

**Heber Trinta:** *Da Biblioteca Nacional. É uma extensão, certo?*

**Roberto Kaz:** Mas o Jô era absolutamente sagaz e logo entendeu quem era o personagem, e em três minutos ele virou a chave, virou o jogo e começou a levantar pro Trinta cortar.

**Jô Soares:** *Eu vi que você estava num papo firme ali com a minha entrevistada anterior.*

**Heber Trinta:** *Não porque ela achou que o Romário é melhor que o Pelé, que não é, né?*

**Jô Soares:** *Não. O Romário não é melhor, não.*

**Heber Trinta:** *Não há nem condição. Embora o Pelé não seja tricampeão do mundo. Mas ele não é...*

**Jô Soares:** *Quem não é tricampeão do mundo?*

**Heber Trinta:** *Não é tricampeão do mundo. Ele foi campeão três vezes. Ele tem o título que ninguém tem, né?*

**Jô Soares:** *Foi tricampeão. Ser campeão três vezes, não é...?*

**Heber Trinta:** *Não senhor. Vou explicar. Vou dar uma explicação...*

**Jô Soares:** *Então o Brasil também não é tricampeão.*

**Heber Trinta:** *Não é tricampeão.*

**Jô Soares:** *Mas mudaram isso?*

**Heber Trinta:** *Não, não.*

**Alguém na plateia:** *Epa!*

**Heber Trinta:** *É o seguinte: a FIFA...*

**Jô Soares:** *Dá licença! Só um instante!*

**Plateia:** *[risos]*

**Roberto Kaz:** E, cara, 15 minutos depois tava todo mundo no programa fascinado...

**Jô Soares:** *Isso aqui foi quase que uma sabatina, porque eu disse: "não é possível", porque ele sentou aqui e disse assim: "pode me perguntar sobre qualquer assunto". "Será que pode?" E pode.*

**Roberto Kaz:** E quando o Jô falou que ia ter que acabar todo mundo triste, fazendo aquele "Ahhhh".

**Jô Soares:** *Bom, Heber Trinta Filho, a conversa tá muito boa...*

**Plateia:** *Aaaahhh...*

**Jô Soares:** *Eu garanto que eu gostei mais ainda do que vocês.*

**Roberto Kaz:** Foi o máximo. Foi o máximo. Então ele também ficou muito agradecido. Ele, o Trinta, porque isso foi todo o reconhecimento que ele esperava ter em vida, assim, e dignificou o não-lugar que ele tinha no mundo, assim, sabe, fez, tipo, um atestado de que: "Olha, o seu desençaixe é muito bonito".

**Paula Scarpin:** Mais uma carta:

*Ao meu criador*

*Agradeço de coração a reportagem sobre a minha personalidade, na qual realizaste com muita inteligência e sabedoria.*

*Dá-me frutos maravilhosos, inclusive Jô Soares.*

*Saudações de sua criação.*

*Heber Trinta Filho*

O Trinta passou a frequentar a redação pra pegar não só o exemplar da Piauí número 7 – em que saiu o perfil dele –, mas também da edição do mês, da edição que tinha acabado de sair.

**Roberto Kaz:** Porque ele sempre ia lá, e ele pegava, ele sabia exatamente o dia que chegava a revista na redação, então o primeiro dia que chegava a revista, ele tava lá pra pegar o exemplar dele pra ler. Ele lia de ponta a ponta e depois me escrevia uma carta comentando cada reportagem da revista.

**Paula Scarpin:** *Rio, 03/03/2008*

*Ao meu criador,*

*A revista Piauí está provocando uma revolução muito brutal na imprensa brasileira.*

*Com a reportagem "generais sem estrelas", constitui um depoimento da terrível guerra travada com Iraque e Afeganistão contra o imperialismo dos Estados Unidos.*

*Não há termos de adjetivos qualificados em qualquer dicionário para definir a grandeza da magnífica reportagem. A Piauí é um veículo de comunicação escrita bem erudita. Parabéns, Roberto Kaz, por ser membro dessa família jornalística.*

*Saudações de sua criação.*

*Heber Trinta Filho*

Quando o Roberto foi ferido naquele assalto, além de participar da gravação da revista em áudio, o Trinta também escreveu uma cartinha:

*Rio, 26/05/2008*

*Ao meu criador*

*Feliz recuperação, que a luz divina lhe proteja eternamente, porque possui uma mente sã.*

*Abraços de sua criação.*

*Heber Trinta Filho*

Quando o Roberto saiu da Piauí, e se mudou pra São Paulo, pra trabalhar na Folha, o Trinta continuou escrevendo pra ele.

O Roberto respondia, mandava reportagens que ele tinha publicado, e que podiam interessar ao Trinta... E falava um pouco da própria vida.

**Roberto Kaz:** Ele falava umas coisas muito fortes e de muita clareza, assim, do mundo, e de muita dignidade.

**Paula Scarpin:** Tem uma carta em que o Trinta diz assim:

*Amigo Roberto Kaz*

Nessa, ele não chama o Roberto de "criador", mas de "amigo". E ele diz:

*O eclipse está passando em você. É uma fase passageira.*

**Roberto Kaz:** Eu acho que ele sabia que eu estava meio deprimido, que ele fala uma coisa de que isso é só um momento de passagem.

**Paula Scarpin:** Um "eclipse", ele fala.

**Roberto Kaz:** Então... um eclipse, exatamente. Então eu contava algumas coisas pra ele, e ele vinha com frases muito fortes às vezes.

**Paula Scarpin:** Depois de um tempo, o Roberto voltou pro Rio, pra trabalhar no Globo...

**Roberto Kaz:** Teve um dia, eu tava no Globo e a redação do Globo era uma zona completa. Era um cenário de filme, assim, chão de carpete, umas televisão de tubo velha, todo mundo sentado junto. Ninguém tinha telefone. Às vezes chegava, não tinha cadeira, era imunda. Samambaia... era, assim, era uma caricatura. Era maneira, eu tinha carinho por aquela redação, mas era uma caricatura. E aí, no meio daquela bagunça, de repente alguém me fala: "Cara, tem uma pessoa ali te procurando." Porque era isso, na redação do Globo entrava qualquer um. Não sei como é que ele entrou lá, mas ele entrou. "Tem alguém ali procurando, e tal". E eu levanto a cabeça e vejo, e: "Caralho, é o Trinta!" E tinha muito tempo que eu não via ele.

Aí eu parei o que eu estava fazendo, fui, sentei com ele na lanchonete, lá, comemos, conversamos um pouco, tal. As conversas eram sempre meio repetitivas, assim, ele ficava falando como eu mudei a vida dele, "meu criador", blá blá blá, essas coisas. Mas era ótimo. E aí a gente ficou ali conversando um pouco, depois ele foi embora. E acho que uma ou duas semanas depois, ele morreu. Que aí foi, então, nesse momento que você me ligou para avisar.

**Paula Scarpin:** Eu trabalhava na Piauí ainda, e um dia ligou uma vizinha do Trinta lá na redação pra dar a notícia.

**Paula Scarpin:** Você conseguiu ir em velório?

**Roberto Kaz:** Eu fui no prédio dele. Não tinha chegado ninguém ainda, acho que eu fui o primeiro a chegar ali. Fiquei esperando chegar bombeiro ou polícia. Descobriram porque ele, enfim, já estava morto há alguns dias, então acho que, enfim, o cheiro deve ter ficado forte. Lembro que o corpo já não tava num estado legal. É... E enfim, ele foi enterrado. E aí ficou a dúvida do que fazer com as coisas dele. Porque ele tinha muita coisa.

**Paula Scarpin:** O Roberto conseguiu recuperar algumas cartas e papéis do Trinta. E isso tá guardado até hoje num envelope meio rasgado, onde tá escrito à mão: "Ao amigo Roberto Kaz".

Esse material do Trinta sobreviveu graças a uma combinação de carinho, cuidado e sorte. E dá pra dizer a mesma coisa daquele CD que a gente gravou.

Depois de terminar de ler o textinho dele – o texto do concurso literário daquela edição da Piauí de junho de 2008 – o Trinta quis gravar um recado pro Roberto.

***Heber Trinta:** Ao Roberto Kaz: fico feliz de você estar recuperando a sua saúde, que Deus nos proteja, porque esse mundo cão é muito cruel. Eu agradeço você também, que você me abriu muito caminho. Me conduz à felicidade. E eu fico feliz de poder você estar recuperado, que jamais – orarei sempre por você, por teu sucesso, que você faz sucesso, também farei.*

**Paula Scarpin:** Essa história do Roberto e do Trinta, do relacionamento entre eles, é uma história que sempre ficou comigo. Porque foi bem no começo da carreira do Roberto como jornalista – que também foi no começo da minha carreira.

Tanto eu quanto ele, a gente tava aprendendo muito com todos os nomões ali da revista, claro. Mas eu aprendi muito com o Roberto também. Porque ali do meu lado, no baixo clero da redação, eu vi um repórter que se preocupava com o perfilado dele pra muito além do texto. De um jeito sincero, duradouro. As conversas depois das entrevistas. As ligações, as cartas. Os anos. Um pouco disso ficou registrado naquele CD, naquela cápsula do tempo em áudio – que é a nossa pequena história falada da humanidade.

E agora fica registrado aqui também.

**Roberto Kaz:** Eu fico muito feliz de falar aqui dele, porque eu sempre quis fazer um obituário dele homenageando. Sempre quis escrever.

Tinha essa... é uma ambição narcisista, de certa forma, assim, de escrever um texto muito bonito sobre a minha relação com ele. E, por alguma razão, eu nunca consegui. E então eu acho que isso é uma forma de fazer uma homenagem póstuma aqui, que eu acho que ele merece. E aí, para mim também é um bom ponto de fechar um ciclo.

**Paula Scarpin:** Assim, ainda dá tempo de fazer esse livro.

**Roberto Kaz:** Dá tempo de fazer o livro. Fica aqui o recado para a Companhia das Letras.

**Paula Scarpin:** [risos]

***Heber Trinta:** Não há dinheiro que pague a felicidade, que a felicidade é a chave da... a liberdade, o maior bem que tem chama-se saúde. Depois, a liberdade, que é a chave da felicidade. Roberto, espero que você esteja aqui, que consiga fazer aquelas brilhantes reportagens a mim e outras pessoas. Felicidades pra você. Obrigado. Pronto. Gostou?*

***Paula Scarpin:** Ótimo.*

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Na página deste episódio no nosso site, você encontra a íntegra das leituras desses seis textos publicados na Piauí número 21 que apareceram aqui ao longo do episódio:

- O Eduardo Coutinho lendo "A poesia envenenada", de Heitor Ferraz Mello;
- O João Moreira Salles lendo "Rotina de 15 mil braçadas", o perfil do nadador Cesar Cielo, escrito pela Dorrit Harazim;
- A Dorrit Harazim lendo trechos das memórias do Ralph Steadman, que saíram na revista com o título de "A brincadeira acabou";
- O Cassiano Elek Machado lendo a versão do Marcel Gotlib de "O Patinho Feio";
- O Luiz Maklouf Carvalho lendo "O Copo e a Flecha", a reportagem dele sobre o Bolsonaro, além de, claro,
- O Heber Trinta Filho lendo o Concurso Literário daquele mês, e deixando um recado super carinhoso pro Roberto Kaz.

Quando tiver no nosso site, aproveita pra se inscrever na nossa newsletter, porque, olha, o pessoal aqui tá se aprimorando nas mini crônicas que vão por e-mail toda semana pra te lembrar de ouvir o episódio... é um conteúdo bônus, mesmo!

Lá no site também tem um passo a passo pra se inscrever no canal da Rádio Novelo no WhatsApp – e por lá também sempre tem novidades – até uns recadinhos de voz da nossa equipe de vez em quando!

Fica o convite também pra seguir o Rádio Novelo Apresenta aí no aplicativo que você tá ouvindo, dar cinco estrelas, escrever um comentário, uma avaliação... Se quiser falar com a gente, é só marcar o @radionovelo no Instagram ou no Twitter, ou ainda mandar o bom e velho e-mail pra apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, a gerência de produto é da Juliana Jaeger, e a nossa editora executiva é a Natália Silva.

O Rádio Novelo Apresenta é feito pela Bárbara Rubira, pela Évelin Argenta, pelo Vitor Hugo Brandalise, pela Carolina Moraes, pela Bia Guimarães, pela Júlia Matos, pela Ashiley Calvo, pela Carol Pires e pela Sarah Azoubel.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original da Luna França, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

Nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.